

BORGES, CERVANTES E O LIVRO

(Jorge Nascimento - Ufes)

I - Borges e *Pierre Menard*

Julio Cortázar, referindo-se a um outro texto seu, diz: *En algún lugar de la bibliografía del que no quiero acordarme ...* Outro argentino, o escritor Abel Posse, numa conferência proferida na Ufes, situou os grandes escritores hispano-americanos contemporâneos como *los herederos de la tumba de Cervantes*. A importância do legado do escritor espanhol na literatura hispânica contemporânea é um fato comprovado e analisado por muitos críticos. Vamos nos ater, neste trabalho, a algumas referências cervantinas, ou quixotescas, na obra de Borges.

A forma, muitas vezes lúdica, com que o escritor argentino transpôs as fronteiras entre os gêneros é do conhecimento de quem tem alguma familiaridade com sua obra. Um dado fundamental é como essas formas híbridas, oscilantes entre a ficção e a ensaio, traçam ligações, cruzamentos entre referências que se nutrem umas das outras. Uma referência presente em muitos de seus escritos é o Quixote.

A partir da análise de alguns textos, e baseados principalmente em *Pierre Menard, autor del Quijote*, vamos tentar definir alguns parâmetros que revelem a relação de Borges com essa obra de Cervantes. Parece-nos que o principal ponto em comum refere-se à identificação com os procedimentos do autor espanhol no que diz respeito à maneira de dotar a literatura de um processo de auto-referencialidade crítica, ou da instituição de processos intertextuais elaborados dentro do mundo narrativo e operada através do livro. A retomada do Quixote é realizada como parte da visão borgesiana, moderna, e também cervantina, que parte da perspectiva na qual os binômios literatura/realidade, arte/vida, mundo/representação já não possuem barreiras definidas que os separem e isolem como formas opostas de apreensão da totalidade.

Michel Foucault, em *As palavras e as coisas*, afirma:

Dom Quixote é a primeira das obras modernas, pois aí se vê a razão cruel das similitudes e das diferenças desdenhar infinitamente dos signos e das similitudes: pois que aí a linguagem rompe seu velho parentesco com a

coisas, para entrar nessa soberania solitária donde só reaparecerá tornada literatura; pois que aí a semelhança entra numa idade que é, para ela, a da desrazão e da imaginação.

Em *Pierre Menard*, Borges irá brincar criticamente com questões que servem como mostra da importância da obra de Cervantes em sua visão acerca das relações literatura/memória como forma de revisão do mundo histórico, utilizando simbolicamente o livro. A forma de ensaio panegírico do relato, analisando a obra inacabada de um desconhecido poeta simbolista, é uma forma irônica de tratar o tema. A subversão parte de um dado relevante e teoricamente perfeito: a justificativa dos elogios tecidos a uma obra inconclusa e *tal vez la más significativa de nuestro tiempo*. Podemos considerar o relato/ensaio como uma *metáfora epistémica* acerca da relação discutida e/ou aludida por Borges: a do escritor com seus precursores.

Segundo Julia Kristeva, a “verdade literária”, assim como a “verdade histórica”, só pode se constituir na multiplicidade dos textos e da escrita, ou seja, no campo da intertextualidade. A citação mais literal já é, em certa medida, uma paródia. O simples fato de ser retirada do seu contexto originário a transforma. No conto de Borges, tal processo se radicaliza, pois aí teremos o projeto inacabado de absorção integral da obra, e a transformação se opera apenas no vir-a-ser literário, espaço virtual da representação. Na narrativa de Borges opera-se com a relação intertextual de assimilação e possíveis transformações do texto paródico e do arquitexto de um gênero. Mas o arquitexto, nesse caso, já é uma narrativa que parodia os romances de cavalaria.

O escritor do S. XX, anacrônico Cervantes, investe contra os moínhos da reescritura do clássico. Tal proposição também remete à imortalidade, diz Menard: *Mi empresa no es difícil, esencialmente. Me bastaría ser inmortal para llevarla a cabo*. O projeto de Menard se baseia, entre outros parâmetros, num *fragmento filológico de Novalis (...) que esboza el tema de la total identidad con un autor determinado*. Como poderia um leitor do início do s. XX identificar-se **totalmente** com uma obra renascentista? As formas para conseguir tal empresa são apresentadas: *El método que imaginó era relativamente sencillo. Conocer bien el español, recuperar la fe católica, guerrear contra moros y contra el turco, olvidar la Historia de Europa entre los años de 1602 y 1618, ser Miguel de Cervantes*. Porém, distintamente de Dom Quixote (e como Borges, veremos adiante), *Pierre Menard* tinha consciência da impossibilidade de seu projeto, daí querer ser ele mesmo e, também, o produtor do texto de Cervan-

tes: *Su admirable ambición era producir unas páginas que coincidieran – palabra por palabra – línea por línea – con las de Miguel de Cervantes.* A função epistemológica da memória deveria ser preenchida pela escrita, ou, se preferirmos, a história esquecida pode ser contada pelo mesmo (outro) modo. Como está explicitado no fragmento da carta de Menard apresentada pelo narrador: *Mi recuerdo del Quijote, simplificado por el olvido y la indiferencia, puede muy bien equivaler a la imprecisa imagen de un libro no escrito.* Segundo um artigo sobre o texto de Borges, há uma gradação entre narrador e personagens, que cria um especular jogo textual, assim teríamos:

| | |
|-----------------|---------------------------------------|
| Quixote 1 | original de Cervantes |
| Menard 1 | próprio personagem |
| Quixote 2 | texto-projeto de Pierre Menard |
| Borges 1 | o que recebe a carta de Pierre Menard |
| Borges 2 | autor de Menard 1 e de Borges 1 |

A verticalização multiplica os níveis de leitura através da superposição dos personagens dentro dos espaços subterrâneos que historicamente percorrem a obra literária. Cervantes criou um ser que viveu o livro, que ousou ser o espelho anacrônico das representações maravilhosas. *El escenario y el actor son la universal metáfora corporizada, y esto es el teatro: la metáfora visible*, ensinou Ortega y Gasset. No teatro mágico que é recriado por Dom Quixote, a metáfora é corporizada e vivida, como no *Ratablo de Maese Pedro*, onde o *Ingenioso Hidalgo* destroça bonecos de um teatro de títeres porque sabia que a ilusão era obra dos encantadores que o perseguiram e que *no hacen otra cosa sino poner las figuras como ellas son delante de los ojos y luego me las mudan y truecan en las que ellos quieren* (II, XXVI). Borges concebeu um homem que no s. XX que cogitou ser Cervantes para imortalizá-lo. Se Dom Quixote é anacrônico, Menard é contemporâneo: é o outro-mesmo. Não concluiu seu projeto e Borges reconhece a grandeza desse não-realizar.

II - Otras Inquisiciones

Vamos agora seguir mais alguns passos de Borges pelo universo cervantino. Um capítulo em especial do Quixote é discutido ou citado em seus ensaios, trata-se do capítulo VI da Primeira Parte: *Del donoso y grande escrutinio que el cura y el barbero hicieron en la librería de nuestro ingenioso hidalgo.* No livro que dá título a esta seção, de 1952,

no texto *Magias parciales del Quijote*, Borges vai comentar sobre o “realismo” da obra de Cervantes na qual *a las vastas geografías de Amadís opone los polvorientos y sórdidos mesones de Castilla*. Segundo o argentino, nesse capítulo, ao examinar os livros que deveriam ser queimados, o barbeiro e o padre vão encontrar um exemplar de *La galatea* que é criticado pelo personagem. Assim, *el barbero, sueño de Cervantes, juzga a Cervantes*. Borges situa o espanhol como um dos mestres em criar jogos modernos dentro do espaço ficcional: *Ese juego de ambigüedades que culmina en la segunda parte; los protagonistas del Quijote son asimismo lectores del Quijote*. Os jogos com a verossimilhança do relato no espaço estrutural da narrativa vai operar com a capacidade de renovação do signo dentro do processo escritura/leitura.

O mundo das simetrias representativas perfeitas é quebrado por Cervantes, o processo de significação reitera a ficcionalidade através da complexidade contida nos jogos de possibilidades abertas pelo texto, desfazendo o caráter fechado da analogia. Observa Blas Montoro:

Con Cervantes empieza, cabalmente, la teoría literaria moderna, la reflexión acerca de la naturaleza del discurso estético. En cuanto atañe a los problemas de la verosimilitud, Cervantes aleja cualquier posibilidad de control sobre el vínculo texto-verdad, cualquier posible autoridad definitiva veritativa del discurso, con esas palabras: “la mentira es mejor cuanto más parece verdadera, y tanto más agrada cuanto más tiene de lo dudoso y del posible”.

Borges e Cervantes tratam da verdade como um amplo campo de possibilidades desse signo enganador situado entre a linguagem e a interioridade do sujeito (o mestre interior de Santo Agostinho), as atribuições errôneas habitam o terreno da ficção, e as referências são apenas operações de linguagem.

III –El acto del libro

Entre los libros de la biblioteca había uno, escrito en lengua árabe, que un soldado adquirió por unas monedas (...) Ese libro era mágico y registraba de manera profética los hechos y palabras de un hombre desde la edad de cincuenta años hasta el día de su muerte en 1614. Nadie dará com aquel libro, que pereció en la famosa conflagración que ordenaron un cura y un barbero, amigo personal del soldado, como se lee em el sexto capítulo. El hombre tuvo el libro em las manos y no lo leyó nunca, pero cumplió minuciosamente el destino que había soñado el árabe y seguirá cumpliendo siempre, porque su aventura ya es parte de la memoria de

los pueblos.

¿Acaso es más extraña esta fantasía que la predestinación del Islam que postula un Dios, o que el libre albedrio, que nos da la terrible postetad de elegir el infierno? (BORGES: 1981, p. 15)

O livro comprado pelo soldado Cervantes, que engendrou Dom Quixote, que motivou Pierre Menard, criatura de Borges, é mágico. Entre o mágico e o sagrado, tramam os livros suas teias, enredos que fazem dos leitores mais uma possibilidade da Ficção. A função sagrada e/ou mágica do livro é outra constante na obra de Borges e se relaciona diretamente com o livro de Cervantes, aqui é perigoso falar de influências. Don Alonso Quijano optou pela substituição da vida “real” pela realização do livro, integrou-se tanto ao mundo das batalhas dos romances de cavalaria, que viveu suas aventuras ficcionais num mundo já outro. Borges permaneceu na sua biblioteca, tentando recuperar, também, as memórias heróicas do passado...

Na Espanha renascentista – confluência de culturas - os Livros Sagrados tinham uma importância fundamental na formação cultural e psíquica daquela sociedade, a vida dos cristãos, judeus e mulçumanos se fundamenta sobre um livro. Cervantes cria um universo livresco distinto: *la vida de don Quijote, de análoga manera, se estructura sobre um libro – el de caballerías*. Conseqüentemente, o fato de queimar livros está relacionado à morte da Idéia. Diz-nos Borges: *Cervantes ha creado para nosotros la poesia de la España del siglo XVII, pero ni aquel siglo, ni aquella España fueron poéticas para él* (Magias parciales del Quijote). Os livros eram *la causa del daño del hidalgo*. E, assim, destituído do fidalgo, Dom Quixote fará de sua aventura, como aponta Foucault, *uma decifração do mundo*.

IV – La fama

No poema *La fama* (BORGES: 1981, p. 79-80), em que faz um pequeno inventário de sua vida/obra, ou da imagem construída sob a ótica de sua biografia e de sua produção, Borges tem três versos que nos servem:

No ser codicioso de islas.

No haber salido de mi biblioteca.

Ser Alonso Quijano y no atreverme a ser Don Quijote.

Não se identifica com Sancho em seu propósito primário, utilitarista, ao seguir Dom Quixote ambicionando governar uma Ilha. No segundo

verso do fragmento do poema, também em tom de negação, refere-se ao leitor e ao bibliófilo, mas não ao escritor. Porém, mais adiante dirá: *Haber urdido algún endecasílabo/haber vuelto a contar antiguas historias*. O terceiro verso da enumeração traz a negação encoberta pelo enunciado: *Ser Alonso Quijano*, é dizer, ser o fidalgo leitor, aquele que concebe o mundo através do texto, aquele que habita o mundo do livro, mas que declara não se atrever a ser Dom Quixote. Situação análoga à de Pierre Menard, que não põe em prática sua idéia de ser Cervantes para escrever o Quixote, ou seja, não se adentra no mundo das analogias, simetrias e anacronias que tentam impor o livro ao mundo. Borges e Menard movem-se dentro da artificiosa e fantástica aventura literária, porém sem o desvio do atrevimento cometido pelo cavaleiro da Triste Figura: desejar viver no mundo análogo ao da representação.

Dom Quixote é, então, a presentificação do projeto de Pierre Menard, é a possibilidade de perpetuar a renovação operada através da leitura. O tema, recorrente em Borges, do livro (ou da Biblioteca) como representação simbólica do mundo – O universo é um grande livro – é posto radicalmente em choque com as margens opressoras do real ou do histórico: o leitor é, dessa forma, sujeito da geração do texto.

Finalizando, fica a indagação de Borges: *Si los caracteres de una ficción pueden ser lectores o espectadores, nosotros sus lectores o espectadores, podemos ser ficticios*.

E isso nos faz pensar na modernidade literária instituída por Dom Quixote, que redefine a temporalidade e abala os alicerces da realidade ao encará-la como mais uma possibilidade, que pode ser representada pelo sonho de um velho soldado espanhol cansado de batalhas inglórias contra os moinhos da história e da realidade.

Referências:

AVALLE-ARCE, J. B. *Don Quijote como forma de vida*. Valencia: Castalia, 1976.

BORGES, Jorge Luis. *Ficciones*. Madrid: Alianza, 1996.

----- *Artificios*. Madrid: Alianza, 1993.

----- *La cifra*. Madrid: Alianza, 1991.

----- *Narraciones*. Madrid: Cátedra, 1995.

----- *Otras Inquisiciones*. Madrid: Alianza, 1997.

-----. *Siete noches*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993

FALCONÍ, Heraldó. *El Retablo de la Libertad de Melisendra: entre hedonismo y scetismo*. Disponível em: <http://www.gmu.edu/org/hcr/texts/1996/retablo.htm>)

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

MATAMORO, Blas. *La verosimilitud: historia de un pacto*. CUADERNOS HISPANOAMERICANOS XXXVI: Madrid, 1987.

M. TANI, A. & RUIZ, Carlos. *De Borges a Kunh: los paradigmas literarios*. In: AMÉRICA HISPÁNICA: Homenaje a J. L. Borges. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 1992.

